



Vacinação contra Covid (Sars-CoV-19)

Ragna Geucina Crivelaro¹, Natalia Malavasi Vallejo²

¹ Acadêmica do Curso de Educação Física, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR, Ji-Paraná, RO, Brasil. Email: mvo.cordeiro@gmail.com

² Docente do Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR – Ji-Paraná, RO, Brasil. Email: malasvaskc@saolucasjiparanaedu.br

1. Introdução

O Corona vírus (SARS-COV-2), surgiu como uma doença misteriosa no início de 2020, devido à falta de conhecimento das suas características patogênicas, apresentava-se de início como um agravamento da condição respiratória do paciente, porém, após estudos de casos, chegou-se à conclusão de que a covid 19, é na verdade, uma condição sistêmica, ou seja, afeta o corpo inteiro e não um órgão em específico (LANA, et al., 2021).

Durante o início da pandemia, notou-se que um dos principais fatores que geraram preocupação, sem dúvida, foi a sua rápida e constante disseminação que resultou em uma crise no sistema de saúde e na economia dos países atingidos, tendo em vista que os acometidos pela doença ficam impedidos de exercer suas atividades cotidianas de forma normal de acordo com o art. 3º da Lei nº 13.979, de 2020,

§ 1º A medida de isolamento somente poderá ser determinada por prescrição médica ou por recomendação do agente de vigilância epidemiológica, por um prazo máximo de 14 (quatorze) dias, podendo se estender por até igual período, conforme resultado laboratorial que comprove o risco de transmissão.

§ 2º “A medida de isolamento prescrita por ato médico deverá ser efetuada, preferencialmente, em domicílio, podendo ser feito em hospitais públicos ou privados, conforme recomendação médica, a depender do estado clínico do paciente. § 3º A medida de isolamento objetiva a separação de pessoas sintomáticas ou assintomáticas, em investigação clínica e laboratorial, de maneira a evitar a propagação da infecção e transmissão local”.

Nos primeiros meses de 2020 sabia-se pouco sobre a gravidade e letalidade do vírus, pouca informação era divulgada pela china que até então era o epicentro da pandemia, porém ao chegar ao ocidente o vírus se revelou mais grave do que era esperado. A Itália foi o primeiro epicentro da covid-19 no ocidente, o número de contaminações disparou e durante o mês de março de 2020 o mundo se assustou com o total de óbitos que a doença causou no país, chegando a quase mil vítimas por dia, foi possível observar que o grupo de maior risco de desenvolver sintomas graves e evoluir a óbito eram os idosos e pessoas com doenças respiratórias, após a Itália os EUA se tornaram o epicentro da pandemia no mundo, com números ainda mais assustadores no mês de março e abril de 2020 chegando a casa de dois mil óbitos diários (LIMA, ALMEIDA E KFOURI, 2021).

Pessoas infectadas com a covid-19 geralmente apresentam sintomas como: febre, tosse, perda do olfato, perda de paladar, cansaço entre outros sintomas que são considerados os mais comuns, porém há casos que os pacientes podem apresentar dores na garganta, cefaleia, desconfortos, dispneia (BRASIL, 2020).

Diante de todo o cenário pandêmico alguns métodos de prevenção contra a disseminação foram criados dentre eles podem ser citados: o distanciamento social, isolamento (em caso suspeito de contaminação), evitar locais fechados, higienização frequente e correta das mãos, o uso de máscara principalmente em locais públicos (LIMA, FARIA E KFOURI, 2021).

Nota-se que os casos de covid-19 foram controlados apenas com medidas radicais de isolamento nunca vistas no século XXI, essas medidas causaram um grande impacto na economia dos principais países afetados. Como nenhum medicamento se mostrou eficaz para o combate ou prevenção do vírus no primeiro ano de pandemia, o desenvolvimento de vacinas se tornou a maior esperança para vencer a pandemia no ano de 2020 (VILELA FILHO, et al., 2022). A vacinação contra a covid-19 foi apresentada como uma ação adicional de resposta ao vírus, que foi considerada uma ação de emergência de saúde pública de importância internacional (SAÚDE, 2021). Tem como papel principal a indução de criação de anticorpos no sistema imunológico, redução da possibilidade de infecção, e em caso de infecção proporciona uma redução dos danos causados a saúde do acometido, diminuindo a possibilidade de evolução a óbito (FLEURY E FAVA, 2022). Levando em consideração o desconhecimento da funcionalidade do SARS- COV-2, há um nível considerado de rejeição às vacinas por parte da população, isso se dá notoriamente devido à disseminação de notícias que fazem com que as pessoas se recusem a tomar as vacinas ofertadas para imunização (BEE et al, 2022). As informações são geralmente disseminadas em mídias sociais, mas que não tem confiabilidade, se tornando pseudoinformações, também conhecidas como fake news, que variam desde medidas de prevenção, a prognóstico da doença, que são compartilhadas simultaneamente de uma pessoa pra outra e assim sucessivamente, e em questão de segundos já atinge a grande massa populacional. Porém as pseudoinformações são divergentes das mesmas publicadas por órgãos da saúde autorizados, prejudicando a própria população (LIMA, FARIA E KFOURI, 2021).

2. Materiais e métodos

Foi utilizado como método de pesquisa, levantamento bibliográfico exploratório, buscando assuntos pertinentes, verídicos e atualizados, através de livros, artigos, revistas e periódicos digitais, publicados com embasamento científico e seguro aos quais abordam o tema proposto. O material utilizado foi coletado nas plataformas Scielo, PUBMED, Google Acadêmico e Ministério da Saúde. Os fatores de inclusão abrangeram temática semelhante, método de pesquisa adotado com o mesmo tema, e critérios de exclusão foram textos que apenas citassem brevemente a temática.

3. Resultados e Discussões

As vacinas contra a COVID-19 têm demonstrado eficácia notável na prevenção de casos sintomáticos da doença. Estudos clínicos e dados do mundo real têm

consistentemente mostrado que a maioria das vacinas, incluindo aquelas desenvolvidas pelas empresas Pfizer-BioNTech, Moderna, Johnson & Johnson e AstraZeneca, reduz significativamente a probabilidade de indivíduos vacinados desenvolverem sintomas da COVID-19 (CASTRO, 2021).

Além de prevenir casos sintomáticos, as vacinas têm demonstrado uma eficácia notável na prevenção de casos graves da COVID-19 e hospitalizações. Isso é crítico para reduzir a sobrecarga nos sistemas de saúde e salvar vidas. Embora as vacinas tenham sido desenvolvidas inicialmente com foco na proteção individual, também têm demonstrado a capacidade de reduzir a transmissão do vírus. Isso contribui para a formação de uma barreira coletiva contra a disseminação do SARS-CoV-2 (LIMA, FARIA E KFOURI, 2021)..

A capacidade das vacinas em manter sua eficácia contra as variantes do vírus tem sido objeto de investigação contínua. Embora algumas variantes possam diminuir ligeiramente a eficácia das vacinas, essas ainda oferecem uma proteção sólida contra casos graves e hospitalizações relacionadas a essas variantes. À medida que a vacinação em massa avança, a eficácia das vacinas desempenha um papel fundamental na construção da imunidade de rebanho, na qual a maioria da população adquire proteção contra a doença, protegendo também aqueles que não podem ser vacinados (GAO et al., 2020).

É fundamental destacar que as agências regulatórias em todo o mundo monitoram constantemente a segurança das vacinas e ajustam as recomendações com base em novos dados e eventos adversos raros. A relação benefício-risco continua sendo positiva, pois os riscos associados à vacinação são, em sua maioria, excepcionalmente baixos em comparação com os riscos significativamente maiores associados à infecção por COVID-19, especialmente para grupos de maior idade e comorbidades. A decisão de ser vacinado deve ser baseada em informações atualizadas e uma discussão aberta com profissionais de saúde para determinar a abordagem mais apropriada para cada indivíduo. Os riscos associados à vacinação contra a COVID-19 são um tópico importante a ser abordado para uma compreensão completa da estratégia de imunização (LURIE, et al., 2020).

No contexto da pandemia da COVID-19, uma série de vacinas foram desenvolvidas e autorizadas para uso em todo o mundo. Entre elas, destacam-se a Pfizer-BioNTech e a Moderna, ambas utilizando a tecnologia de RNA mensageiro (mRNA) e demonstrando alta eficácia na prevenção de casos sintomáticos e graves da doença. Além disso, as vacinas Johnson & Johnson (Janssen) e AstraZeneca, que empregam vetores virais, provaram-se eficazes na prevenção de casos graves e hospitalizações (KRAMMER, 2020).

Outras vacinas, como a CoronaVac da Sinovac e a vacina Sinopharm, utilizam o método de vírus inativado e mostraram-se eficazes na prevenção de casos sintomáticos. A Sputnik V, que emprega dois adenovírus diferentes como vetores, também demonstrou eficácia na prevenção de casos sintomáticos e graves. Além dessas, outras vacinas, como a Covaxin da Bharat Biotech, a Nuvaxovid da Novavax e muitas outras, estão sendo distribuídas globalmente (LIMA, ALMEIDA E KFOURI, 2021).

Cada uma dessas vacinas tem suas próprias características em relação à tecnologia, eficácia e protocolo de administração, o que contribui para a diversidade de

estratégias de vacinação utilizadas em todo o mundo. É importante ressaltar que a pesquisa e o desenvolvimento de novas vacinas continuam sendo uma área ativa, com o objetivo de melhorar ainda mais a eficácia, a segurança e a acessibilidade das opções disponíveis para a imunização da população contra a COVID-19 (FLEURY E FAVA, 2022).

A maioria dos riscos associados à vacinação se relaciona com efeitos colaterais comuns e leves, que incluem dor no local da injeção, febre baixa, fadiga, dores musculares e dores de cabeça. Esses sintomas são transitórios e costumam desaparecer em alguns dias. A segurança das vacinas contra a COVID-19 é uma prioridade máxima. Efeitos colaterais comuns, como dor no local da aplicação, febre baixa e fadiga, são geralmente de curta duração e leves. Esses efeitos colaterais são consistentes com a resposta imunológica esperada após a vacinação (GAO et al.,2020).

Eventos adversos graves são excepcionalmente raros. Houve relatos isolados de reações alérgicas graves, principalmente associados às vacinas de mRNA, mas esses eventos representam uma pequena fração das doses administradas. O risco de eventos adversos deve ser ponderado em relação aos benefícios substanciais da vacinação na prevenção de doenças graves e mortes (ESCOBAR, MOLINA-CRUZ, BARILLAS-MURY, 2020)

Além disso, é importante abordar a questão dos eventos tromboembólicos associados à vacina AstraZeneca. Embora extremamente raros, esses eventos levaram à suspensão temporária da vacina em algumas regiões. No entanto, as agências regulatórias reiteraram que os benefícios da vacinação superam amplamente os riscos e que medidas de gerenciamento de risco estão em vigor para monitorar e mitigar esses eventos raros (LIMA, ALMEIDA E KFOURI, 2021)..

Embora as vacinas tenham sido desenvolvidas inicialmente com foco na proteção individual, também têm demonstrado a capacidade de reduzir a transmissão do vírus. Isso contribui para a formação de uma barreira coletiva contra a disseminação do SARS-CoV-2 (GUIMARÃES, 2020).

4. Considerações finais

Em conclusão, as vacinas contra a COVID-19 têm provado ser uma ferramenta altamente eficaz na luta contra a pandemia. Elas não apenas protegem indivíduos vacinados, mas também contribuem para a segurança e saúde pública global, reduzindo a disseminação do vírus e minimizando o impacto da doença em nível populacional. A vacinação continua sendo uma estratégia crucial para superar esta crise de saúde global e voltar à normalidade.

5. Referência

BEE, Grega Rúbia et al. Vacinas contra COVID-19 disponíveis no Brasil. *Brazilian Journal of Development*, v. 8, n. 1, p. 6246-6263, 2022.

CASTRO, Rosana. Vacinas contra a Covid-19: o fim da pandemia? *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 31, p. e310100, 2021.

ESCOBAR, Luis E.; MOLINA-CRUZ, Alvaro; BARILLAS-MURY, Carolina. BCG vaccine protection from severe coronavirus disease 2019 (COVID-19). Proceedings of the National Academy of Sciences, v. 117, n. 30, p. 17720-17726, 2020.

FLEURY, Sonia; FAVA, Virgínia Maria Dalfior. Vacina contra Covid-19: arena da disputa federativa brasileira. Saúde em Debate, v. 46, p. 248-264, 2022.

GAO, Qiang et al. Rapid development of an inactivated vaccine for SARS-CoV-2 (preprint). 2020.

GUIMARÃES, R. Vacinas Anticovid: um olhar da saúde Coletiva. Ciênc. Saúde Coletiva. Vol. 25. Nº 9. 2020.

KRAMMER, Florian. SARS-CoV-2 vaccines in development. Nature, v. 586, n. 7830, p. 516-527, 2020.

LANA, Raquel Martins et al. Identificação de grupos prioritários para a vacinação contra COVID-19 no Brasil. Cadernos de Saúde Pública, v. 37, 2021.

LIMA, Eduardo Jorge da Fonseca; ALMEIDA, Amalia Mapurunga; KFOURI, Renato de Ávila. Vacinas para COVID-19-o estado da arte. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, v. 21, p. 13-19, 2021.

LIMA, Eduardo Jorge da Fonseca; ALMEIDA, Amalia Mapurunga; KFOURI, Renato de Ávila. Vacinas para COVID-19-o estado da arte. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, v. 21, p. 13-19, 2021.

LURIE, Nicole et al. Developing Covid-19 vaccines at pandemic speed. New England journal of medicine, v. 382, n. 21, p. 1969-1973, 2020.

VILELA FILHO, Alexander S. et al. Vacinas para Covid-19: Uma revisão de literatura. Brazilian Journal of Development, v. 8, n. 1, p. 1880-1901, 2022.